

Histórias de vida e o Vera

A personificação do trabalho
aliado ao prazer



Elza Maria de Britto

Secretária acadêmica



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar, nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan** (Casa Vera Cruz)

Retrato da capa: **Claudia Cavalcanti**

Pesquisa de imagens/Arquivo Vera Cruz:

Priscila Pires (Comunicação)

Apoio: **Araceli de Carvalho** (Casa Vera Cruz) e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritores: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Ana Júlia Paim, Antonio Ernani Wanderley Bueno de Godoy, Daniel Cimatti e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo:

André Nascimento e Carlos Eduardo dos Reis

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Escola Vera Cruz, em outubro de 2021.

Elza começou a trabalhar no Vera em 1974.
Ela se despede da Escola no final de 2021.

A personificação do trabalho aliado ao prazer

O início de uma longa jornada

Entrei no Vera em setembro de 1974. Conheci o Vera Cruz através de uma vizinha minha, irmã de um amigo. Ela era professora polivalente do 6º ano, antiga 5ª série. Eu tinha feito Pedagogia, e minha intenção era trabalhar com administração escolar, toda essa parte ligada à direção mesmo da escola, organização e documentação de aluno. Comecei aqui como datilógrafa, que era a função vaga quando eu fui entrevistada pela Sonia Bracher [ex-diretora]. Ela me perguntou: "Você sabe datilografia?". Respondi que não. "Você já mexeu com mimeógrafo?" Também não. "Ah, então tá. Você está contratada!"

A Escola tinha vindo para essa Unidade aqui na praça [Profa. Emília Barbosa Lima] em 1973, começou com a 5ª série aqui. Antes era na Avenida Brasil. Fui um dia lá para a Avenida Brasil para ver como eles estavam se organizando. Sabendo tudo de documentação de aluno, vejo lá uma pilha de documentos. Comecei a olhar: certidão de nascimento, fichas de conceito dos alunos... Falei: "Não pode jogar fora isso daí, é precioso, é docu-

mento pra vida toda". Conseguimos salvar uma parte, e hoje a gente tem arquivado tudo isso; obsessivamente, eu e a Sônia Bustamante [ex-diretora] organizamos tudo, montamos pastas, arquivo, tudo manual.

Quando o Vera Cruz começou aqui na praça, as classes não estavam todas completas. O prédio não estava todo construído! A gente alugou umas salas do Santa Clara, aqui na [Rua] Bernarda Luiz. Os pequenos estavam na [Rua] Guilherme Moura. Gláucia [Affonso, orientadora], que é nossa ex-aluna, era dessa primeira turma, que terminou em 78.

A Escola veio para cá e não tinha telefone em São Paulo, telefone era um investimento, não tinha transferência da Avenida Brasil para cá e a gente usava o telefone da vizinha. Eles tinham uns três filhos aqui e a gente ia lá para telefonar, numa emergência — mas não se tinha tanta necessidade de comunicação como hoje. Os pais tinham uma outra relação com a Escola, eram muito parceiros, não existia a palavra "cliente". Hoje, alguns pais se posicionam como clientes. A gente luta para que isso não aconteça, porque a educação não tem cliente, tem parceria. Ou você faz uma educação com a família, ou você não está fazendo uma educação inteira, envolvendo família e escola.

Depois o Vera foi se organizando e comecei a assumir outras funções, porque a de datilógrafa era apenas no contrato. Comecei a assumir a Secretaria de Atendimento. A Escola era pequena, eu fazia absolutamente tudo; tinha a dona Maria, que era tesoureira, mas ela não conseguia ter estrutura para receber e atender os pais. Se eles vinham com o carnê para fazer o pagamento, tudo bem. Mas se tinha alguma coisa que ela precisava conversar com essa família, ela ficava muito aflita. Então, eu ajudava nisso, e ela cuidava do dinheiro, porque eu nunca fui uma pessoa muito boa de finanças. A dona Maria era cuidadosa, anotava tudo, eu só fazia o atendimento.

Era outro mundo, a gente vivia um momento político muito delicado no nosso país. Começamos a receber os nossos brasileiros que estavam voltando do exílio. Tínhamos os filhos do [Vladimir] Herzog e os filhos do governador Paulo Egydio Martins. Um segurança do Palácio ficava aqui em função dos filhos do governador, mas não era para interferir, tanto que a mulher do governador falava: "Qualquer coisa, você liga direto para mim". A dona Lila era muito próxima, porque era muito amiga de Soninha Bracher.

Lembro que a Escola tinha um projeto arquitetônico de um professor da FAU, que era uma referência como construção.

E me lembro perfeitamente do dia em que um aluno da FAU veio para cá com a maquininha fotográfica dele. A gente não tinha segurança, tinha um porteiro, que entrou e disse: “Elza, tem lá aquele segurança do governador que está tomando a máquina de um moço”. E lá vai a Elza com a petulância dos seus 20 anos:

“Aqui é o território da Escola. Ele vai, sim, fotografar. Você é de onde?”

“Sou da FAU. O professor falou para vir...” .

“Ele vai fotografar.”

“Não, eu já peguei a máquina dele.”

“Pois pode tratar de devolver a máquina dele!”

“Não, eu tenho essa orientação.”

“Tem orientação para proteger os meninos fora da Escola, aqui não! Aqui quem manda é a Escola e a Escola está autorizando ele a fotografar.”

Aí virou aquela conversa e eu falei: “Então, vamos fazer assim: eu ligo direto pro telefone da dona Lila e ela vai autorizar.”
Então tá, então tá.”

“Então, pode devolver a máquina pra ele.”

Imagine, com o governo de hoje em dia, se eu ia ter essa ousadia, não sei se teria, mas não seria tão impulsiva. A gente pensava mais com o estômago, com as emoções, do que com o cérebro.

Quando Herzog morreu, para mim, foi muito aflitivo, porque eu era toda engajada politicamente. A Escola fechou para a gente ir para a Praça da Sé, pois haveria um ato ecumênico. São Paulo parou — não é que a Escola fechou. São Paulo parou e a gente foi embora. Fui com uma amiga, era uma tensão na cidade, em 1975. Eu tinha entrado em 74. Conhecia os meninos. Tanto o Ivo quanto o André. Eles eram nossos alunos e moravam, inclusive, na rua de nossa outra Unidade. Clarice vinha à Escola, os meninos vinham com ela e voltavam sozinhos, tinha toda uma proximidade com a Escola. Ivo era o mais velho. Foi muito difícil pra ele ter as imagens do pai, que tinha sido “suicidado”. Foi um momento muito delicado na Escola, de muito acolhimento para a Clarice, para os meninos. Muita mobilização de todo mundo.

Era uma escola altamente politizada, a gente brincava que aqui era a sociedade pensante. A gente tinha muitos pais professores universitários, muitos professores da USP, muitos artistas. Tínhamos os filhos da Cynira [Fausto, ex-diretora] estudando aqui — Sérgio [Fausto] hoje é do Conselho. Hoje eu não conheço os alunos, a Escola cresceu, estou em outro espaço, mas

quando a gente ficava aqui, no Verão, todos passavam por mim, porque eu ficava ali na entrada, dava as autorizações de entrada, ligava para as famílias, falando que eles estavam com três atrasos. Eles “fugiam” na hora do recreio e iam usar a piscina da colega aqui do lado. Encontrei uma ex-aluna na minha fisioterapia e ela falou: “Me lembro de você, eu tenho guardado meu diário: ‘Elza ligou para minha mãe porque eu voltei da casa da Marina atrasada. A gente tinha ido usar a piscina, estavam todos de cabelo molhado’, alguma coisa assim”.

Em 74, na primeira turma que nós concluímos de 8ª série, a gente tinha 74 alunos, e não aumentamos muito. No final dos anos 70, a gente teve 80, 82 alunos concluintes do primário. Demoramos para aumentar, porque não cabia no Verinha. O Verinha era uma coisa muito louca para conseguir vaga. Tinha fila de madrugada. Eles pagavam para alguém ir lá... Já era na Rua Dona Elisa [de Moraes Mendes]. A gente começou na Rua Guilherme Moura e comprou aquele espaço lá. Ainda eram os anos de chumbo aqui, porque eu me lembro de que quando a gente comprou e estava fazendo a reforma, veio um vizinho querendo falar comigo. Quem cuidava da reforma era Sônia Bustamante. O vizinho se identificou como do Exército. Ele ficou bravíssimo comigo, porque ele tinha uma patente maior e eu o tratei pela menor e fui advertida. Aí ele falou que a gente estava

fazendo muito barulho com a reforma. Eu disse que ele tinha que reclamar na Prefeitura, porque a gente estava regularizada. Uma coisa que a gente fazia e faz é ter tudo legalizado. E ele tinha dois caminhos: a Prefeitura e a Secretaria de Educação.

Quando nós fomos para a Rua Dona Elisa, as vagas eram muito disputadas, mas muito, a ponto de chegarem a oferecer dinheiro por uma vaga no Vera. Me lembro perfeitamente do dia em que me falaram isso. Eu disse que não, que vaga não tem preço, é preciso ter condição, espaço. Nisso, a gente conseguiu aumentar o Verinha. Foi quando mais um terreno ao lado foi comprado e a Unidade ampliada, assim como aqui [no Verão]. Tínhamos aqui na Escola o Laboratório de Ciências, que era onde hoje é o Ateliê de Invenções. A sala de Artes era onde hoje é o Salão de Jogos. Depois, a Biblioteca foi para o outro lado; a Sala dos Professores era aquele espaço entre o Ateliê e a Sala de Jogos. E a gente ficava tudo ali meio junta, e onde hoje é o Apoio também era a Gráfica, era tudo junto. Então, a Escola cresceu, fizemos mais um andar, o 3º andar, compramos o terreno dessa primeira quadra. Quando a Escola foi ampliada, começaram a desafogar aqui, no Verão, as vagas, mas lá na Unidade Dona Elisa, mesmo ampliada, ainda era muito difícil conseguir uma vaga. Aí, a gente foi aumentando. A 5ª série era muito disputada, e a gente tornava a ampliar o número de alunos.

Mas a gente terminava na 8ª série. Como não tinha Ensino Médio, o colegial, na época, os alunos iam pro Santa Cruz e pro Logos. Mas como eles iam conhecer essas escolas? Foi quando se descobriu mais uma função para mim. Eu ia nessas escolas, a gente tinha uma entrevista básica com as perguntas dos alunos, o que eles gostariam de saber. O orientador trabalhava com os alunos, as expectativas deles. Tudo isso com o coordenador, com a Stella [Mercadante, ex-diretora]. A gente criava um roteiro e eu ia fazer a enquete. A gente tinha essas trocas, para abrir o caminho para o aluno. Tinha também o Oswald, o Sagarana (que depois se fundiu com o Oswald), aqui, na Vila Madalena. E eu fazia essa ponte.

Desbravadora das Gerais

Além disso, começamos a pensar em como esses alunos iriam para as cidades históricas, para o fechamento do estudo de História do Brasil. Porque a gente também tinha o nosso currículo, que era muito contestado. Além de Estudos Sociais, com História e Geografia, tínhamos História do Brasil. Essa matéria não era aceita na Secretaria de Educação, nas Diretorias de Ensino de agora, mas a gente tinha o argumento de que a Escola tinha liberdade, sim, de decidir. Bom, nas primeiras turmas,

fomos com uma empresa de turismo, acho que em 1976; foi minha primeira ida para Minas.

Sônia Bustamante era casada com um mineiro. Ela foi a primeira vez com o marido dela, descobriu os caminhos que deveríamos percorrer, porque é uma distância grande. Depois, a gente descobriu que dava para parar em Lavras, onde a gente almoçava; e dormia no quartel da Aeronáutica, em São João Del Rei. Malu Zoega [assessora e professora de Língua Portuguesa] também foi junto para descobrir onde a gente poderia ficar em Mariana, porque o lugar mais próximo de alojamento para a nossa quantidade de alunos era em Belo Horizonte. Mas lá cabia meia dúzia de alunos em cada quarto, e os alunos fugiam de noite para irem conversar. A gente não tinha o controle. Foi quando descobriram esse antigo internato de freiras em Mariana, que estava sem funcionar, porque ninguém mais ficava interno. Aí fizemos uma proposta para as freiras, para os alunos dormirem lá. O internato tinha dois grandes dormitórios e banheiros coletivos, os colchões eram de palha.

Nesse primeiro ano, não fui para Minas. Mas sei que era um festival de crise de asma, as freiras tinham posto os colchões no sol, mas imagine o pó de tantos anos guardados. Os alu-

nos levaram roupa de cama, cobertor e travesseiro, tudo, e ninguém dormia. Era só crise de asma, alergia. "Ah, então vamos inventar."

Já íamos por nossa conta, sem a empresa. E fizemos uma proposta para as freiras trocarem os colchões, porque não dava para dormir no colchão de palha, com aquele pó histórico. A gente brincava que era pó da Inconfidência Mineira, ainda. E trocamos os colchões, aliviou muito. Os quartos limpíssimos, de tábua corrida encerada, mas ainda levávamos roupa de cama. A gente foi negociando ano a ano com as freiras. Fomos pra São José dos Campos, onde tinha na fábrica de cobertores. Compramos e mandamos um mundo de cobertores para os alunos não terem que levar a mala com cobertores. Aí, elas compraram os travesseiros, depois compramos roupa de cama. A gente ia negociando com elas. "Olha, este ano a gente paga a estada antes. Vocês compram roupa de cama", e ia barganhando. Até que chegou a hora de trocar os chuveiros.

A gente levava três ônibus com 70 e poucos alunos. Começamos a falar que tinha que ser ônibus de 38 lugares, porque tinha muito adulto. Eu não ia, organizava tudo por telefone daqui. Na sexta-feira, nossa perua escolar ia para Mariana carregadíssima de comida (arroz, feijão, fruta, verdura) e os dois cozinhei-

ros daqui, que a gente levava. Normalmente, ia seu Vicente ou o Vavá, os motoristas da época.

A gente levava cozinheiros porque Mariana era muito pequena, uma vilinha. Eles só tinham venda, armazém, não tinham mercado. Lá no internato tinha refeitório. A gente começou a ver que não existia restaurante em Ouro Preto para atender essa quantidade de alunos, a gente tinha que providenciar nossa comida. O café da manhã, todos os dias, e algumas refeições. A gente iria desabastecer a cidade. Então, a gente comprava a comida, mas não tinha mão de obra que soubesse fazer comida para cem pessoas. Então a gente levava uma banqueteira, porque banqueteira sabe cozinhar para cem pessoas. Não era uma comida de banquete, era comida que adolescente gosta, mas com qualidade.

Em Minas, eles ofereciam uma comida que a gente, aqui, não era acostumada a comer, eles cozinhavam com banha de porco, que hoje está sendo valorizada de novo, mas era uma comida muito pesada. Em todo o lugar era carne de porco. E os restaurantes eram pequenos, então a gente tinha que almoçar por etapas, e administrar adolescente — qual era a primeira turma, que saía para a segunda turma comer, e assim por diante, todo mundo com fome. Então, organizamos a estada e cuidamos daqueles fogões industriais. As freiras tinham tudo lá,

inclusive louça, mas o fogão estava enferrujado, era um fogão industrial. Aí, eu descobri, pela marca, o telefone, e no ano seguinte foi um técnico antes que deixou o fogão em ordem, e as freiras compraram o gás pra gente, porque tinha que ser aquele botijão maior.

Continuávamos levando comida, Mariana foi crescendo, mas era muito pequena, a gente era muito acolhida lá, muito esperada pela população, não existia mais convento, era a "escola das irmãs". Na frente era o convento e no fundo era a escola que elas mantinham.

As irmãs esperavam a gente com bolo, faziam serenata pra gente no pátio (porque os dormitórios eram em cima), e depois elas começaram a receber a gente no salão de festas delas, onde tinha piano. Os alunos saíam sozinhos, era tudo muito seguro. A gente marcava com eles: "Vocês vão agora, depois do jantar, e vocês voltam — o colégio fecha às 6 horas e, às 10 horas da noite, a porta". Lógico que tinha aqueles que atrasavam. Lógico que tinha os que aprontavam, mas a gente estava de plantão, esperando por eles.

A cidade nos acolhia com a banda de música; era combinado que a gente ia lá. Quando a gente chegava na praça, onde fica-

va a Catedral de Mariana, a banda chegava. Ela vinha tocando da sede dela para nos receber. Era um grande evento, e, com a nossa chegada, a banda saía para tocar e a cidade ficava em festa. Era muito bonito, muito acolhedor.

Com o passar do tempo, Mariana cresceu, as coisas foram mudando, a gente começou a não poder mais deixar os alunos sozinhos. Muito bar, muita bebida. Então, a gente achou melhor começar a atraí-los para dentro do colégio. As freiras abriram espaços de quadra, onde a gente começou a fazer campeonatos com os alunos da Escola. Valter, que era o professor de Educação Física, organizava esses campeonatos, que viraram uma atração.

Quem queria andar na cidade, conhecer o coreto, a praça, ia com professores e a gente fazia uma supervisão disso; mas também podia ficar lá dentro do colégio, nos campeonatos. Ricardo, professor de Educação Física, tocava violão, era uma atração. Toshiaki [Tateyama] também tocava violão. A gente fazia toda essa temporada de Minas com a nossa equipe: tinha os caderninhos, preparados aqui, de acompanhamento da visita aos museus em Ouro Preto e Mariana. E um dia de lazer, quando a gente ia para a Cachoeira do Bru-mado. A gente fazia churrasco, levava carne, levava grelha,

tudo. A carne a gente comprava lá, mas a grelha e o carvão levávamos de São Paulo.

Uma época a gente ia a Sabará e depois achamos que desviava muito. A gente fazia um passeio por São João Del Rei, porque ficávamos no quartel de lá. E eles faziam escalada, por causa do acampamento de montanha de lá. O mascote deles era um bode chamado Monteiro. Mas era muito precário, era alojamento daqueles banheiros de exército, sem cortina, sem privacidade alguma, as camas eram beliches; mas, ao mesmo tempo, eles sabiam que a Escola estava indo pra lá. Os soldados deixavam bilhetinhos: “Sejam bem-vindos, tenham bons sonhos...”. Tinha um lado simpático.

Eu ia de avião até Belo Horizonte, pegava um táxi e descia para Ouro Preto. Fui por mais de dez anos pra Minas. Tenho tudo isso anotado; uma hora que a gente precisar fazer todo esse controle, eu tenho absolutamente tudo anotado, desde os acampamentos que organizávamos até os Estudos do Meio, de quando eu fui, quando foram feitos, os orçamentos, onde a gente parava, o cardápio...

Em Minas já havia outra estrutura, porque nesse meio-tempo apareceu em Mariana uma senhora se oferecendo para ser a

nossa cozinheira; ela era acostumada a cozinhar para o Rotary e pro Lions, lá em Mariana. “Cozinho para umas 50 pessoas...”, “É, mas você tem que dobrar”, “A senhora fique tranquila que eu consigo dar conta”. E tinha um moço que trabalhava com as freiras e resolvia todos os nossos problemas, como arranjar carro de madrugada para levar o aluno que não estava bem para o hospital. Ele morava no hotel para nos atender 24 horas. Aí, a gente se acalmou com essa cozinheira, que depois deu conta, tranquilamente. A essa altura, Mariana era enorme, já tinha supermercado, a gente não precisava mais levar comida de São Paulo. E Ouro Preto cresceu, tinha mais opções de restaurante. Em Lavras, a gente sempre parava para almoçar na universidade, que é no meio do caminho. Tudo foi se profissionalizando mais, não era mais tão precário como antes.

Quando Ana Lúcia [Amaral, ex-supervisora administrativa] entrou, deixei de ir e passei tudo pra ela. Ajudava a organizar, porque a Escola cresceu muito e aumentei minhas funções aqui. Era maio, perto da Festa Junina, e eu já ia organizar o evento.

Orientação laica e diversa

Por conta do calendário e das viagens, tive que aprender muita coisa sobre a comida, mas não só: sobre o judaísmo mesmo,

porque no começo, a gente, no dia do Yom Kippur, do Rosh Hashaná, ia pro acampamento. Lembro que a gente ia para Campos do Jordão, na Pedra do Baú, num acampamento dos padres canadenses. Mas o Yom Kippur era uma data muito especial para a comunidade judaica. Lembro uma mãe de aluno que ensinou como fazer a oração importante para eles, ela conversou com os padres e foi feita uma cerimônia ecumênica, mas tinha todo um ritual que tinha que acontecer.

Tenho que ter esse cuidado com o calendário. Acho que todo mundo tem que ter o respeito pela religião do outro, pela seita do outro, pelo nome que der para o que ele congrega, que não sei o que é. A gente foi aprendendo a fazer isso. Hoje eu não marco mais acampamento no dia do Yom Kippur, do Rosh Hashaná. Antes do pôr do sol, eu sei que eles têm que ir, têm que sair mais cedo da Escola. Se eles têm que sair junto para estarem no jantar com a família inteira, não vou marcar. Teve um ano que a gente não conseguiu outra data pro acampamento. Voltamos às 4 da tarde, porque tem que ser antes de o sol se pôr. E é uma cerimônia à qual você não vai de qualquer jeito. A gente entendeu que voltando às 4 estava ótimo. Sei que os católicos têm mais flexibilidade, mas o Vera, como escola laica, pensa nisso, principalmente, de uns tempos para cá. Mas eu acho que a gente não pode deixar de ter em vista que nossa

sociedade, cada vez mais, tem que ser uma sociedade que olha para todas as diferenças. Não só religiosas.

Feito por Elza e tanta gente mais

O Vera Cruz sempre comemorou seu aniversário numa data simbólica, em setembro. Nesse período, os alunos sabiam que era uma comemoração do aniversário e tal. Sempre aconteceu isso, até recebermos um grupo de pais arquitetos que achava que nossa praça estava muito feia. A Prefeitura não fazia nada, hoje eles ainda limpam, varrem de vez em quando, mas a praça era totalmente abandonada, de ter seringas de uso de droga por lá. A padaria fechava às 9 horas e era uma escuridão ali, onde a gente sempre teve o recreio aberto, do 6º ano em diante. Durante o dia, nosso funcionário ia lá, varria, na hora do recreio estava tudo limpinho, mas os pais achavam que a praça tinha que ser incorporada à Escola. No começo eram mães, depois ampliou, entraram pais também, gente que veio colaborar para reformar essa praça. Aí, a gente tentou empresas como parceiras, porque a prefeitura só autorizou a reforma. A gente tinha várias reuniões lá na Regional de Pinheiros e eu ia representando a Escola.

Eles deram autorização e a gente conseguiu fazer aquelas mesas, imprimindo significado à praça, que é pública, que agrega. Os vizinhos velhinhos vinham jogar ali. Mas o dinheiro não ia dar. Esse grupo de mães sugeriu a produção e venda de produtos feitos pela comunidade escolar.

Então resolvemos aproveitar esse período do aniversário da Escola, em setembro, e comemorar juntando as duas coisas. Elas pensaram nesse nome, Feito por Nós, e tudo o que a Stella queria era uma coisa que saísse do grupo. A gente ficava voluntariamente, depois do período da tarde, usando a sala de Artes para fazer vários produtos de artesanato. Isso cresceu e foi para a sala de aula. Cris [Macedo, professora de Biblioteca da manhã] encampou e, depois, também Marta [Ferraz, professora de Biblioteca da tarde]. Na hora do recreio, os alunos que quisessem faziam coisas. Lembro que a gente começou a bordar, as meninas aprendendo, as mães adoraram: "Nossa, minha filha falou que está fazendo isso, a avó dela adorou!". Tinha avó fazendo coisa para mandar, porque se encantaram. Eu sou péssima de bordado e de tudo o que é trabalho manual, ajudava na organização. E o menino me ensinando: "Primeira coisa: você tem que pegar essa agulha que tem um furinho aqui embaixo. Aí você pega essa linha e põe aqui. Aí você vai pôr no pano, mas com o pano, para ela não escapar do pano,

você tem que dar um nozinho, olha”. Isso eu até sabia, porque estudei em colégio de freiras e aprendi. Tenho uma foto do menino com a linha, me ensinando que tem que dar o nó.

Era uma mobilização na Escola. Essas mães vinham de manhã, porque cresceu muito, para ajudar. Teve um ano que a gente teve tanta ajuda que montou uma colcha e foi um grande momento do Feito por Nós. Começou com a brincadeirinha de vender aqui embaixo, na Escola, e virou uma festa. No começo, um pai de aluno doou umas tortas doces e salgadas, porque era dono de uma grande rede de alimentação. Outro pai tinha uma fábrica de suco, e a gente vendia as caixinhas. Aí, montamos a banca de artesanato. Então recebemos doações das famílias de coisas para vender.

Essa festa era pra arrecadar dinheiro para reformar a praça, e a gente tinha feito uma programação para envolver a comunidade Vera Cruz na reforma, para dar um grande abraço na praça. Era muito movimento, muita gente no fazer, mas ainda uma festa pequena, mas a gente foi crescendo. A praça foi reformada, e começamos a colocar outros projetos sociais que os alunos mesmos trouxeram, ou os pais, ainda hoje. Entrou a reforma do abrigo aqui da rua de baixo. Depois teve a de uma creche. A gente foi abrindo para outros projetos. Aí entrou o projeto Vaga Lume.

Eu coordenava o projeto do Feito por Nós, na organização administrativa, e da Festa Junina, que é outro evento que começou com os alunos trazendo comidas.

Os primórdios do Grande Arraial

Cada Unidade tinha a sua festa, ainda não tinha o Grande Arraial. Acho que foi no terceiro ano do funcionamento do Ensino Médio que juntou; aí, a festa era muito grande e eu tive que ter parceiros lá. Primeiro, porque eu não dominava o espaço e a gente precisava da ajuda deles, para tudo. Tem o trabalho de conciliar o uso do espaço de apresentação do Ensino Médio com a festa dos pequenos. E virou uma grande festa, envolvendo muita gente montando as barraquinhas, os enfeites. É uma grande festa, não é mais a festa do Verão, do Ensino Médio, é o Grande Arraial, e ficou mesmo sendo a grande Festa Junina do Vera.

Os pequeninos adoram aquele começo da festa, aquele espaço grande. O nível 2 se sente muito à vontade lá, e o 3 é dono do espaço, junto com o Ensino Médio. Então, é um grande momento. Essa coordenação da festa com a parceria deles e toda essa participação sempre foram minhas. Antes era com

os pais, porque os pais vendiam fichas, recolhiam e contavam o dinheiro, organizavam e eu administrava tudo isso. Eles ficavam na bilheteria da entrada e vendiam os convites. Depois, cresceu muito. Aí a gente começou a precisar de ajuda, teve que terceirizar a alimentação, porque os pais já não davam mais conta de vender, e chegava uma hora que eles queriam ir ver os filhos, e nossos funcionários não davam conta de abarcar tudo aquilo lá. Teve um ano que eu saí com dinheiro arrecadado dentro do porta-malas do meu carro. "Gente, eu não saio com meu carro este fim de semana! Não tiro meu carro da garagem por nada, porque o dinheiro da festa vale mais que meu carro" [risos]. O pessoal do Financeiro começou a ficar com essa parte, porque a gente deixou de brincar de escolinha pequena e começou a crescer.

Quando chega o fim dos anos

Eu também organizava as chamadas formaturas. Quando o Vera era pequeno, das primeiras turmas, a gente fazia aqui mesmo, no nosso pátio, depois a gente começou a ir para o Masp. Toshiaki e eu éramos os apresentadores. Ele se paramentava todo, de gravatinha, e a gente fazia a apresentação, mas odeio ficar no palco. Mas não tinha opção. Eu apresen-

tava os alunos, Toshiaki apresentava a festa. Nos anos 80, o Masp ficou pequeno e fomos para o Clube Pinheiros, Hebraica e, depois, para o Teatro Sérgio Cardoso. Lá eu ia de convidada. Mas alugava o espaço, eu negociava, organizava, combinava, comprava as flores...

Um legado e a história de cada um

Já há um tempo, eu queria deixar um legado, organizar o material que nós temos, maravilhoso, que era minha tese de mestrado, e que acabou não acontecendo. O que nós registramos desses alunos está tudo aqui, no 4º andar. Eu queria estabelecer um período em que a gente pudesse digitalizar isso. Um trabalho muito profissional, como num museu, de luva, máscara, porque tem muito pó, o papel tem que ser manuseado, mas eu queria recuperar isso e foi muito bom.

Mantenho a Escola Vera Cruz legalizada perante os órgãos públicos. A gente responde à Diretoria de Ensino e à Secretaria de Educação. Isso tem uma série de implicações. Desde você fazer o calendário e a matriz curricular e apresentar para a Diretoria de Ensino. A relação dos professores, o número de alunos, as matérias que esses professores dão, o horário, se tem aluno de

inclusão, qual é o tipo de inclusão, como nós trabalhamos, como é o espaço, quantas salas de aula, o regimento interno do plano escolar. Temos que legalizar toda transferência. Tudo. Todo aluno que vem de outra escola a gente tem que ver se o documento dele tem assinatura, carimbo. E também o histórico. A gente só faz histórico a partir do 1º ano do Fundamental até o 9º e, depois, no Ensino Médio, tem outro histórico. Tudo isso é rotina.

Na pandemia foi uma loucura, porque a gente tinha que fazer para a Secretaria da Educação, junto com a da Saúde, o cadastro de todos os alunos e profissionais que manifestaram os sintomas. Isso que a gente faz hoje e apresenta pros pais também tinha um canal que ia para a Secretaria de Educação.

Tudo isso tem que estar absolutamente correto, porque é a vida escolar do aluno. Ali tem o nome dele — não pode aparecer nome de pai e de mãe —, o RG, o CPF, a carga horária, as matérias que ele teve... E você entrega isso com o carimbo da Escola, o meu carimbo, o carimbo da Regina [Scarpa, diretora pedagógica]. Isso tudo é assinado, um por um.

E a mesma coisa no Ensino Médio: o aluno foi fazer intercâmbio e você põe que ele fez intercâmbio, em que país — não tem nota, mas tem uma observação de onde é que foi. Isso tudo le-

galizado, somos eu e mais três funcionários. A gente é extremamente legalista; continuo sendo aquela pessoa que viu a pilha e fala “não pode jogar fora!”. Mas foi muito legal o que nós fizemos. Contratamos três jovens aprendizes, com a supervisão da Meire [Rosmeire Labate, secretária escolar], do Júlio [Colussi, assistente de Secretaria] e da Cris [Cristiane Castro, assistente de Secretaria] e minha coordenação, fizemos tudo isso, por etapas. Está tudo organizado, aqui em cima. O Leo [Leonel de Oliveira, inspetor de alunos] ajudou muito a gente, porque ele que tinha que pegar daqui e descer esse material todo, para o motorista ir levando. Aí, a gente escaneava tudo: bilhete de pai, porque vinha no boletim, tinha a resposta do boletim, a autoavaliação do aluno. Tudo isso tem escaneado, tipo, tudo! A gente também tinha essa preocupação de guardar esse material. E saber o que pode descartar. Mas com responsabilidade, não só pelo meio ambiente, mas pela confiabilidade desse documento. Conseguimos uma empresa com descarte responsável, porque a gente tem que dar um destino certo. Tudo isso nós já terminamos. A gente já tem tudo digitalizado, conceito, relatório, tudo!

Terminei meu legado no Vera Cruz este ano. Acho que além de eu fazer a digitalização disso tudo que a gente queria, ainda consegui ter acesso a softwares antigos, com o apoio da TI. Lógico que outras coisas vão aparecendo, mas a Meire e o Júlio

me ajudam. Acho que essa parte da legalidade da Escola está toda em ordem.

Com o Novo Ensino Médio, estamos fazendo, com Ana Bergamin [coordenadora do Ensino Médio] e Regina Scarpa, a nova matriz, de acordo com as exigências dos órgãos públicos. É um outro momento da Escola, em que acho que não está mais centralizado em mim e fica mais com os coordenadores, que montam a equipe; a gente se concentra mais nessa parte da legalidade do funcionamento mesmo. E, lógico, sempre, principalmente os coordenadores mais novos me ligam pra perguntar alguma coisa.

A sorte de ser feliz no trabalho

Acho que fui uma funcionária muito feliz trabalhando nesta Escola, porque peguei o momento dessa transição. Sabe, eu não me sentia só no administrativo, porque nas escolas, normalmente, é assim, tem um administrativo e tem o pedagógico, mas a gente trabalhou muito junto. Sempre foi falado aqui: "Somos todos educadores!". Eu chamava os serventes quando tinha um projeto que eu não podia montar sozinha, um Feito por Nós. E pedia pra Stella contar sobre o projeto.

Você tem que envolver o funcionário. Descobri talentos desses funcionários para uma oficina do Feito por Nós, que é onde o aluno ia lá fazer um brinquedinho. Descobri gente que bordava maravilhosamente bem. Acredito que a educação, em qualquer momento e lugar do mundo, é isso, é estar junto. Eu ficava com os coordenadores discutindo os projetos pedagógicos!

Quando a gente viu que dava para juntar administrativo e pedagógico — eu, no meu papel administrativo, foi um momento de muita felicidade para mim. Acho que só fiquei muito na Escola porque não tinha essa diferença. Somos todos educadores, sim, e a Escola era nossa, era um projeto nosso, foi tudo construído muito junto.

A Escola passou momentos de muito aperto financeiro, de a gente ter que trazer pó de café de casa, para a gente fazer. O Vera sempre serviu lanchinho, sempre teve essa preocupação de ter um pão com manteiga e um cafezinho, um leite, mas teve época de não ter. A gente trouxe e não era pesado pra gente, a gente mesma ia lá e fazia. E a gente nunca teve um salário atrasado, não foi esse o aperto financeiro, mas de ver onde nós podíamos economizar, naquele momento.

Cynira foi uma pessoa que me ensinou muito. Eu punha o telefone aqui encaixado na orelha, e ela falava: "Não faça isso, você vai acabar com a sua cervical, faça tudo isso, mas segurando o telefone aqui". E foi com ela que eu aprendi que isso acaba mesmo com a cervical da gente. Então era essa delicadeza, esse olhar na gente, dono de escola e diretor prestando atenção se você está assim ou assado. Era uma delicadeza, era um cuidado, era um convite para ir à casa de um diretor, de um coordenador, era tudo muito junto.

Houve uma única vez em que quis sair do Vera, mas fui convencida e me convenci a não mudar de escola. Foi a melhor coisa que fiz, porque acho que eu não teria ficado um ano em outro lugar. Acho que o Vera e eu criamos uma parceria que é de muito respeito, de muito, muito trabalho, mas acho que, para mim, o momento em que eu mais fiquei feliz mesmo foi quando descobri que a gente não tinha essa diferença do trabalho. Acho que, pessoal e profissionalmente, é muito bom sentar com os coordenadores pedagógicos, discutir, saber que projeto vai acontecer, ser ouvida. Você tem espaço, participação. Acho que tudo deu muito trabalho, mas muito prazer também.

Plantar e colher em outros canteiros

Trabalho muito, mas sempre gostei muito de música, de concerto. Quando tinha, eu ia muito, pelo menos uma vez por mês, mas eu adorava ir ao Cultura Artística; tinha um dia da semana que tinha concerto. Adorava ir ao Municipal, mas depois que vi um assalto, fiquei com medo, eu não tinha carro, ia de ônibus.

Sempre gostei muito disso, muito de viajar, sempre viajei muito em família. Meu período de trabalho era intenso, mas nas minhas férias eu viajava muito, pelo Brasil e um pouco para a Europa. E ia ver um concerto, ia a museu e à Bienal, porque imagine se a gente vai se permitir trabalhar no Vera Cruz e não saber o que está acontecendo na cultura da cidade! Muito cinema — no Belas Artes, quem não ia ao Belas Artes?

Tenho uma chácara aqui perto, quero ir para lá durante a semana. Vou cuidar das minhas plantinhas, mas não tenho um grande projeto. Tem gente que já sai daqui com projeto, mas eu, não. Acho que já trabalhei bastante, tenho que me organizar para ler, que é uma coisa que faço muito. Ir lá, cuidar da horta, ver se a alface cresceu, o que tem que fazer, procurar na internet. Agora

eu já estou nessa fase: quando planta jiló — odeio jiló, mas como planta? Tem que plantar, tem que ter tudo!

A chácara é pequenininha, tem um terreno pequeno, é chácara de lazer, mas você tem que inventar. Falo que seria muito mais barato eu comprar verdura no mais caro entreposto orgânico, mas...

Venho me preparando para a despedida, mas já me dispus para o que precisar, não precisa ter vínculo empregatício. Tem uma coisa que é tão da Elza, tantos anos que ela faz isso que, se precisar...

Me preparei, mas não sei o que farei quando me levantar durante a semana: "Ah, não vou pro Vera", eu quero ver o que vai acontecer comigo, mas eu sei que é isso, é a realidade. Acho que fui mais do que eu poderia ter desejado. E foi tudo com muito prazer. Saio muito feliz daqui com tudo o que eu fiz, com meu legado e com o que eu consegui com o meu trabalho aqui no Vera. Foi uma parceria muito boa. Vamos ver o que vai ser daqui pra frente; não sou habilidosa para o bordado, como eu já falei, não sei nada de trabalhos manuais.

Nós somos quatro irmãs, minha mãe era uma mulher altamente habilidosa para crochê, tricô, bordado, e ensinou para as filhas.

As três aprenderam, eu não sei fazer nada. Estudei em colégio de freiras, lá tinha trabalhos manuais, eu fazia caprichado. O pouco que eu podia ter desenvolvido, não sei fazer. Mas vou desenvolver o que eu gosto, que é cozinhar.

Adoro meus sobrinhos, não tenho filhos. Meus sobrinhos vão para lá com seus filhos, faço aquela comilança, aquele mundo de sobremesa. Natal em casa era tradição, na casa dos meus pais. Quando meu pai morreu, minha mãe veio morar mais perto da gente, e por isso compramos a chácara, para ela ter um lugar que tinha que ter jabuticabeira — como ela ia viver sem um quintal? Moro em apartamento. “Como é que vou viver num lugar que não tem uma jabuticabeira para mim?”, ela dizia. E fomos atrás de um lugar. Plantamos as jabuticabeiras. Tinha que ter pelo menos duas, essas coisas; os netos se agregaram lá, mas a avó morreu e a tia-avó assumiu esse papel. Cansa, porque tem que preparar tudo, tem que fazer o supermercado, porque tenho que cozinhar; então, acho que vou ocupar o meu tempo. Não sei, vamos ver, mas eu acho que estava na hora.

Depoimento concedido em 13 de outubro de 2021, na Escola Vera Cruz





Uma realização da Escola Vera Cruz | 2021

